

## A mulher brasileira encarcerada e o abandono familiar

Como a metodologia da APAC contribui para combater essa realidade

Caio Bini Rocha<sup>1</sup>

Mariana Mendonça Del Esposte<sup>2</sup>

Pedro Henrique de Assis Crisafulli<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por finalidade investigar e compreender a situação de abandono familiar vivenciada pela mulher brasileira encarcerada e, através de um estudo empírico realizado na unidade da Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) Feminina de São João del Rei/MG, analisar como a metodologia da Instituição enfrenta este problema, bem como seu real grau de efetividade para combatê-lo. O trabalho utiliza o método de pesquisa descritiva por meio de entrevistas realizadas com as Recuperandas, e o método comparativo baseado na quantidade de visitas semanais que os (as) internos (as) da unidade da APAC Feminina e da APAC Masculina de São João del Rei/MG recebem. Por fim, através de pesquisa bibliográfica, o artigo obteve um maior embasamento teórico a partir da visão de doutrinadores especializados na área, tornando mais ricas as informações apresentadas. Percebeu-se existir de fato uma discrepante diferença nas visitas pelas Recuperandas em relação aos Recuperandos, de modo que muitas mulheres são deixadas em situação de abandono pela família, sendo que esse abandono é prejudicial para a recuperação da apenada. Ao término do estudo, demonstrou-se de quais maneiras a metodologia da APAC enfrenta essa situação e até que ponto ela está sendo efetiva.

**Palavras-chave:** Associação de Proteção e Assistência ao Condenado; abandono familiar; recuperanda; metodologia.

### 1 Introdução

A APAC (Associação de Proteção e Assistência ao Condenado) é uma instituição que visa à recuperação e socialização de homens e mulheres encarcerados de maneira humanitária. A APAC Feminina surge a partir da necessidade de existir um método que consiga reinserir a mulher presa – chamada na Associação de recuperanda – na sociedade de forma digna, sem grandes problemas ou reincidência. Junto com a APAC, foram criados 12 elementos que são utilizados na metodologia para que a recuperação seja efetiva.

Segundo o BNMP (Banco Nacional de Monitoramento de Prisões), a população carcerária brasileira é formada quase que inteiramente por homens, o que faz com que existam pouquíssimos programas governamentais ou privados voltados à mulher presa. Essa descaso

---

1 Graduando do curso de Direito do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves –UNIPTAN.

2 Graduando do curso de Direito do Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves –UNIPTAN

3 Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (2012). Professor Universitário no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves..

gera e/ou fomenta inúmeras consequências devastadoras, sendo uma delas o abandono familiar, e conseqüentemente a solidão.

Tendo isto em mente, o presente artigo tem como objetivo verificar se o 8º elemento fundamental, a família, realmente tem sido eficaz do modo que está sendo aplicado e até que ponto ele pode ser modificado para combater o abandono comumente observado na realidade das presas brasileiras, e com isso melhorar a recuperação da encarcerada.

Para responder tais questionamentos, será utilizado o método descritivo, realizado por meio de pesquisa de campo e levantamentos, além da coleta de dados, sendo realizadas análises das características, fatores e variáveis que se relacionam com o processo de recuperação das mulheres que cumprem suas penas em umas das unidades do sistema APAC, mais especificamente na Unidade da APAC Feminina da cidade de São João del Rei, tida como APAC modelo por sua excelência.

Finalizada a pesquisa e analisados todos os dados coletados, será possível observar de forma clara e objetiva a situação de abandono familiar vivenciada pelas Recuperandas, bem como as maneiras utilizadas pela metodologia da APAC para combater essa circunstância.

## **2 O método APAC**

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC) teve seu início em 1972, no presídio Humaitá, localizado na cidade de São José dos Campos – SP. Àquele tempo, um grupo de cristãos realizava trabalhos voluntários no referido presídio, tendo como objetivo a evangelização dos presos, bem como lhes dar apoio moral e espiritual. Esse grupo era liderado pelo jornalista e advogado, Mário Ottoboni, e foi desse grupo que nasceu a APAC, que em seu gênese significava “Amando o Próximo Amarás a Cristo”.

A fim de garantir à Associação maior efetividade em seus objetivos, buscou-se a sua consituição como entidade juridicamente organizada e, em 1974, foi instituída a APAC, com o significado que hoje possui, isso é, Associação de Proteção e Assistência aos Condenados, revestida com todas as formalidades exigidas para lhe garantir o *status* de Associação regularmente instituída.

Conforme seu fundador, Mario Ottoboni, a finalidade institucional da Associação é:

[...] desenvolver, no presídio, uma atividade relacionada com a recuperação do preso, suprimindo a deficiência do estado e nessa área, atuando na qualidade de Órgão Auxiliar da Justiça e da Segurança na Execução da Pena, conforme se lê em seu Estatuto Social (OTTOBONI, 1997, p.45-46).

Ainda segundo Ottoboni, a entidade visa garantir o cumprimento da função social da pena, que é a recuperação do condenado (OTTOBONI, 1997).

A busca pela recuperação dos presos (chamados na APAC de Recuperandos) em uma unidade da APAC se dá através uma metodologia própria, desenvolvida através de diversos estudos e acompanhamentos realizados diretamente com os recuperandos através dos anos. Frisa-se que para o objetivo deste trabalho, não se faz necessário realizar um aprofundamento quanto aos métodos de recuperação desenvolvidos e aplicados na APAC. Entretanto, dentre os diversos aspectos dessa metodologia, nos é importante, para alcançar o objetivo aqui proposto, saber quais são os 12 elementos adotados na Associação, para podermos posteriormente destacar aquele que nos servirá como base para prosseguir na pesquisa.

A APAC possui 12 elementos fundacionais, que são utilizados na busca da Recuperação do(a) Recuperando(a). Esses 12 elementos são: 1. Participação da Comunidade; 2. Recuperando ajudando Recuperando; 3. Trabalho; 4. Espiritualidade; 5. Assistência jurídica; 6. Assistência à saúde; 7. Valorização Humana; 8. Família; 9. O Voluntário e o curso para sua formação; 10. Centro de Reintegração Social – CRS; 11. Mérito; 12. Jornada de Libertação com Cristo;

Através da metodologia, e da utilização desses 12 elementos, a APAC busca recuperar o condenado, e, em uma perspectiva mais ampla, proteger a sociedade, promover o socorro às vítimas e realizar a promoção da justiça restaurativa, uma vez que todos esses são consequências diretas da não reincidência no crime daqueles que cumpriram suas penas em um dos Centros de Reintegração Social (CRS) da Associação.

Esse sistema, que anda na direção oposta ao método convencional em que se aplica apenas o efeito punitivo da pena, desprezando seu efeito de ressocialização, demonstra sua eficácia inconstestável com sua baixíssima taxa de reincidência, que é de apenas 30%, conforme a FBAC.

Para os fins desse trabalho, o elemento que de fato nos importa é o oitavo, isso é, a Família.

As visitas recebidas pelos presos não é algo exclusivo da APAC, sendo direito atribuído aos condenados que cumprem pena em qualquer unidade prisional do Brasil. Entretanto, apenas na APAC o apoio familiar é trabalhado não apenas como um projeto periódico ou discricionário do Diretor da unidade prisional, mas sim como um dos baluartes de sua própria existência, como veremos a seguir.

### 3 O oitavo elemento - Família

As APACs são congregadas atualmente pela Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados (FBAC). É a FBAC, Associação Civil de Direito Privado sem fins lucrativos, dentre diversas outras funções (sendo inclusive a responsável pela instituição de novas APACs pelo Brasil e pelo mundo), é quem possui a função de fiscalizar se as APACs estão aplicando a metodologia apaqueana na maneira correta.

Segundo a FBAC, em informação retirada diretamente de seu website:

São 12 os elementos fundamentais do Método APAC, os quais surgiram após exaustivos estudos e reflexões para que produzissem os efeitos almejados.

É importante destacar que a observância de todos eles na aplicação da metodologia é indispensável, pois é no conjunto harmonioso de todos eles que encontraremos respostas positivas.

Não se deve procurar executar este ou aquele item dos elementos fundamentais, mas preparar a equipe de modo suficientemente adequado para que nada falhe na aplicação do Método.

Algumas tentativas não foram bem sucedidas exatamente porque prescindiram deste ou daquele elemento, levando a uma conclusão precipitada de que o Método não funciona, quando na realidade o que falhou foi o aplicar do Método, que escolheu, entre os elementos fundamentais, aqueles que lhe pareciam mais fáceis, importantes ou convenientes para serem aplicados.

Pelo texto, nos faz mister concluir que a metodologia apaqueana foi construída de maneira que todos os elementos precisam estar em pleno funcionamento, bem como coexistirem de forma harmoniosa, para que o objetivo da instituição, isto é, recuperar os condenados, como o próprio texto diz, obtenha respostas positivas.

O não funcionamento de um único elemento é tão prejudicial para a obtenção da recuperação, que foi destacado pelo próprio criador da Associação, Mário Ottoboni, em seu livro *Vamos Matar o Criminoso – Método APAC*, conforme se segue:

Algumas tentativas não foram bem sucedidas exatamente porque prescindiram deste ou daquele elemento, levando a uma conclusão precipitada de que o Método não funciona, quando na realidade o que falhou foi o aplicador do Método, que escolheu, entre os elementos fundamentais, aqueles que lhe pareciam mais fáceis, importantes ou convenientes para serem aplicados. (OTTOBONI, 2018, p. 63).

Como previamente destacado, não é o objetivo do presente trabalho analisar os elementos que constituem a metodologia da APAC. O que se busca é realizar uma análise sobre a situação das Recuperandas que cumprem suas penas em uma unidade feminina da APAC, especificamente, no que diz respeito ao abandono. Entretanto, seria desperdicioso

suscitar essa discussão sem demonstrar o quanto essa análise pode ser benéfica não apenas às próprias recuperandas, mas também à própria APAC. Caso fique desmonstrado que de fato existe algo que se aproxime de um abandono para com essas mulheres, é certo dizer que o oitavo elemento da Associação, isso é, Família, está prejudicado, e como destacado pela FBAC, o não pleno funcionamento de um único elemento prejudica a metodologia como um todo, e com isso, as chances de recuperação da condenada.

Cumprido ressaltar, porém, que o trabalho envolvendo o oitavo elemento, isto é, a Família, não se limita às visitas recebidas pelas Recuperandas. Diversas são as formas que a Associação utiliza para trabalhar esse elemento. Porém, pelo objetivo desse trabalho, a análise se limitará à essa forma de se desenvolver esse importante elemento. Nada obsta que as diversas APACs femininas existentes trabalhem esse elemento por outras frentes, de modo que ainda que exista o abandono familiar no que diz respeito à serem essas Recuperandas visitadas por seus familiares, esse elemento consiga ser trabalhado de forma efetiva.

Partindo agora para a conceituação de família, importante se faz destacar o conceito amplo que família possui na sociedade contemporânea. A sociedade tem superado constantemente o conceito arcaico que limitava a família ao núcleo estagnado constituído pelos parentes consanguíneos formados por intermédio do casamento ou união estável, como ainda expresso na letra fria de nossa Constituição Federal. O conceito atual é muito mais amplo e permite que o núcleo familiar seja formado não apenas por laços de sangue, mas se constitua por todas as pessoas em que o indivíduo encontra cuidado e proteção, com quem possua suficiente afinidade, muitas vezes afinidade essa que não possui com aqueles que lhe compartilham o mesmo líquido venoso.

Desse modo, não se torna equivocado conceituar a falta de visitas recebidas pelas Recuperandas como um real abandono Familiar, pois, ainda que as visitas não se limitem aos parentes consanguíneos próximos, é correto considerarmos como família, para esse fim, toda aquela pessoa cuja importância para a encarcerada é tamanha, que a ausência de sua visita desperta naquela mulher um real sentimento de solidão.

A família é tão importante para o indivíduo que recebe forte proteção do Estado, que vê nela uma forma de divisão nuclear da sociedade, com papel fundamental na própria organização social. Assim diz Fernandes Prezzi:

A família tem se constituído como o alvo preferencial de políticas e programas direcionados para a 'inclusão social'; nesse contexto, ela tem sido posicionada tanto como 'origem' quanto como instância de resolução de problemas sociais e econômicos de países pobres em desenvolvimento. (Seminário Internacional Fazendo Gênero, *sic* KLEIN, FERNANDES PREZZI, 2012).

Sendo a família objeto de proteção do Estado devido à credibilidade por ele dada ao núcleo familiar como forma de resolução de problemas sociais, e tendo esse mesmo Estado obrigação para com aqueles que estão sob a sua tutela, na condição de condenados e condenadas, um dos caminhos óbvios a ser percorrido por ele é justamente valorizar a atuação familiar na vida dos(as) presos(as).

A família é um dos principais apoios daquela que teve sua liberdade repimida em virtude de uma condenação penal. O isolamento social por si só já é uma punição, e com ele, sem o apoio familiar, a solidão passa a fazer parte dessa pessoa encarcerada. Nesse contexto, surge o problema do abandono familiar enfrentado pelas mulheres presas.

#### **4 A mulher condenada e o abandono**

No que diz respeito à situação de ser humano encarcerado, as mulheres no Brasil são deixadas em segundo plano. Isso em um país em que a situação carcerária por si só já é tratada com total descaso e abandono pelo Poder Público.

Segundo o último levantamento realizado pelo BNMP (Banco Nacional de Monitoramento de Prisões), organizado e expedido pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça), o Brasil possuía em 6 de agosto de 2018 uma população carcerária de 602.217 condenados. Isso o torna a terceira maior população carcerária do mundo, perdendo apenas para a China e os Estados Unidos conforme a WPB (World Prison Brief),

Segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen) de 2017, não houve um único ano desde 1990, em que a população carcerária do Brasil não tenha crescido, se comparado com o ano anterior a ele. Esse dado alarmante nos demonstra que os presídios do Brasil não têm cumprido com eficácia uma de suas principais funções, que é a de ressocialização. Tal fracasso é refletido na altíssima taxa de reincidência no Brasil, que é de 70% segundo o CNJ.

No meio desse caos formado pelo descaso da Administração Pública, situa-se o pequeno núcleo ainda mais excluído da tutela efetiva do Estado, formado pelas mulheres encarceradas.

A população carcerária no Brasil é quase que inteiramente formada por homens. Segundo o BNMP, dos 602.217 condenados no Brasil em agosto de 2018, apenas 29.453 eram mulheres, ou seja, apenas 5% do total de presos no país.

Esse baixíssimo número de mulheres presas no Brasil, se comparado com a quantidade de homens na mesma condição, faz com que muito pouco seja debatido e investido no que se refere à ressocialização da mulher presa. Esse descaso as coloca em uma posição de quase invisibilidade, fazendo com que os problemas que não dizem respeito à toda massa carcerária, mas apenas às mulheres encarceradas, não sejam enfrentados, sequer sabidos, e um deles é justamente o abandono.

O abandono da mulher condenada, no Sistema Carcerário comum, é uma realidade inequívoca. Se comparado aos homens encarcerados, as mulheres possuem uma incidência muito maior de abandono e solidão.

Essa triste situação se torna clara, nas palavras do Ilustre Doutor Drauzio Varella, em seu livro *Prisioneiras*:

De todos os tormentos do cárcere, o abandono é o que mais aflige as detentas. Cumprem suas penas esquecidas pelos familiares, amigos, maridos, namorados e até pelos filhos. A sociedade é capaz de encarar com alguma complacência a prisão de um parente homem, mas a da mulher envergonha a família inteira. Enquanto estiver preso, o homem contará com a visita de uma mulher, seja a mãe, esposa, namorada, prima ou a vizinha, esteja ele num presídio de São Paulo ou a centenas de quilômetros.

Amulher é esquecida. Chova, faça frio ou calor, quem passa na frente de um presídio masculino nos fins de semana fica surpreso com o tamanho das filas, formadas basicamente por mulheres, crianças e um mar de sacolas plásticas abarrotadas de alimentos. Já na tarde do dia anterior chegam as que armam barracas de plástico para passar a noite nos primeiros lugares da fila, posição que lhes garantirá prioridade nos boxes de revista e mais tempo para desfrutar da companhia do ente querido.

Em onze anos de trabalho voluntário na Penitenciária Feminina, nunca vi nem soube de alguém que tivesse passado uma noite em vigília, à espera do horário de visita. As filas são pequenas, com o mesmo predomínio de mulheres e crianças; a minoria masculina é constituída por homens mais velhos, geralmente pais ou avôs. A minguada ala mais jovem se restringe a maridos e namorados registrados no Programa de Visitas Íntimas, ao qual as presidiárias só conseguiram acesso em 2002, quase vinte anos depois da implantação nos presídios masculinos. Ainda assim graças às pressões de grupos defensores dos direitos da mulher.

São poucas as que desfrutam desse privilégio. Na penitenciária o número das que recebem visitas íntimas oscila entre 180 e duzentas, menos de 10% da população da casa. (VARELLA, 2017, p. 27).

A pena que elas cumprem se torna ainda mais dura, pois, além do fato de perderem sua liberdade, por meio de uma sentença condenatória, são ainda deixadas para cumprir seu período de cárcere eivadas de solidão, resultada do abandono a que são submetidas.

Essa é a triste realidade vivida por elas no sistema comum. Resta saber se a metodologia da APAC tem sido suficiente para superar essa situação.

#### **4.1 A situação de abandono em uma APAC feminina**

A APAC também surge como uma opção viável para combater essa situação de total indiferença existente para com as mulheres. De forma ainda mais específica, a situação de abandono é enfrentada através da metodologia, como anteriormente dito, a partir de seu oitavo elemento, a Família. Há que se buscar, entretanto, saber até que ponto esse enfrentamento tem sido efetivo.

Trabalhar com a família não é uma tarefa simples. Os elementos da APAC, quando dependem de serem aplicados diretamente aos recuperandos ou às recuperandas é um trabalho muito mais fácil e efetivo, afinal de contas, o trabalho é realizado diretamente com aqueles que estão sob a tutela da Associação, que não possuem a opção de não se participarem dos trabalhos realizados pela instituição. Entretanto, a família dessas pessoas não está obrigada a se submeter à metodologia, e muitas delas sequer se encontram em uma situação de fácil acesso, seja por não quererem ser acessadas pelos funcionários da instituição responsáveis por esse trabalho ou realmente por uma dificuldade logística, vez que muitas são de localidades distantes, de tamanha humildade que em certas ocasiões sequer possuem meios eletrônicos de contato, ou qualquer outro motivo que dificulte esse contato direto.

Por esse motivo, o trabalho da APAC se torna extremamente árduo e desafiador, no que diz respeito a aproximar esses familiares das Recuperandas. Não basta um trabalho bem realizado pela instituição, sendo que a vontade de se aproximar da encarcerada, depende exclusivamente de sua família, que não pode ser obrigada a visita-las.

A fim de se obter informações concretas sobre essa situação, foram coletados dados da APAC feminina da cidade de São João del Rei/MG. A referida é considerada pela FBAC uma APAC modelo, que deve servir de espelho para outras APACs femininas do Brasil e do mundo, sendo ela exemplo de boa gestão e aplicação da metodologia. Por tal, não poderia haver uma fonte melhor para se coletar esse tipo de informação, informações essas que serão analisadas a seguir.

## **5 As consequências do abandono para uma Recuperanda**

Não há ninguém melhor para expor o quão danoso o abandono familiar é para a mulher que cumpre pena de cerceamento de liberdade, do que a própria pessoa que passa por esse situação, tal qual o quão benéfico é para a sua recuperação, o apoio desprendido a ela por sua família. Por esse motivo, entrevistamos algumas recuperandas da APAC feminina de São João del Rei. Para tornar esse trabalho mais objetivo, e também para que seja possível não

torná-lo excessivamente extenso, selecionamos duas entrevistas específicas, a de uma Recuperanda que sofre os males do abandono, e outra que encontra na sua família o apoio necessário para seguir em frente e buscar sua recuperação.

Destacamos, porém, que, apesar das outras entrevistas não serem reduzidas a termo no presente trabalho, as informações com elas obtidas foram consideradas para a análise feita no tópico 6.3 (a seguir), que se refere à conclusão dos depoimentos colhidos.

Foram destacado os pontos mais importantes, que demonstram efetivamente os efeitos do abandono ou do apoio familiar. Por questões éticas, os nomes das Recuperandas serão preservados.

### 5.1 Visão de uma recuperanda que sofre com o abandono

Entrevista realizada no dia 22 de março de 2019. A Recuperanda J. R. S., 25 anos, possui uma condenação de 01 (um) ano e 10 (dez) meses, pelo crime de tráfico de drogas privilegiado (art. 33, §4, da Lei 11.343/06), 10 (dez) anos e 6 (seis) meses de condenação pelo crime de comércio de arma de fogo de uso restrito (art. 17, caput e Parágrafo Único, majorado pelo art. 19, ambos da Lei 10.826/03) e 01 (um) ano, 01 (um) mês e 10 (dez) dias de condenação pelo crime de estelionato (art. 171, caput, Código Penal). Totalizando, assim, 13 (treze) anos, 05 (cinco) meses e 10 (dez) dias de condenação, o qual cumpre atualmente em Regime Fechado.

Sua primeira prisão ocorreu no dia 13 de julho de 2014, quando foi presa pelo crime de tráfico de drogas privilegiado (nessa época já respondia, em liberdade, pelo crime de estelionato, onde veio a ser por ele sentenciada 19 de novembro de 2014). Permaneceu presa até o dia 28 de julho de 2016, quando conseguiu seu livramento condicional. Em virtude de sua condicional, continuou em liberdade até o dia 18 de abril de 2017, quando foi presa em flagrante pelo crime de comércio de arma de fogo de uso restrito.

Somando o tempo que passou presa, a Recuperanda J. R. S. já havia passado, até a data da entrevista, 03 (três) anos, 11 (onze) meses e 18 (dezoito) dias presa. A entrevista encontra-se no ANEXO I.I do presente artigo.

### 5.2 Visão de uma Recuperanda que possui apoio da família

Entrevista realizada no dia 22 de março de 2019. A Recuperanda F. F. L., 33 anos, possui uma condenação de 07 (sete) anos pela prática do crime de roubo, qualificado pelo

resultado lesão corporal grave, atenuada pela participação de menor importância (art. 157, §3º e art. 29, Código Penal), 20 (vinte) anos pelo crime de latrocínio (art. 157, §3º, Código Penal) e 01 (um) ano pelo crime de furto (art. 155, caput, Código Penal), totalizando assim a pena de 28 (vinte e oito) anos, o qual cumpre atualmente em Regime Fechado.

F. F. L. foi presa preventivamente no dia 28 de julho de 2014, tendo ela permanecido presa desde então. Desse modo, a Recuperanda, na data da entrevista, já havia passado 04 (quatro) anos, 07 (sete) meses e 24 (vinte e quatro) dias presa. A entrevista encontra-se no ANEXO I.II do presente artigo.

### 5.3 Análise das informações colhidas

Pelas entrevistas, juntamente com o depoimento de outras Recuperandas, que como anteriormente exposto, seriam inviáveis de serem expostos nesse artigo, por uma questão de economia de espaço, podemos chegar a algumas conclusões.

Primeiramente, é unânime a opinião entre as mulheres que cumprem sua pena na APAC feminina de São João del Rei/MG que expuseram suas opiniões, a importância da família. Não houve uma única Recuperanda que tenha se posto contra isso. Pelo ambiente prisional em que se encontram, é normal que assumam uma postura mais dura, mais rígida, e nem mesmo isso fez com que alguma delas dissesse não sentir falta (ou valorizar, para aquelas que possuem) do apoio familiar.

A presença familiar, como dito pela recuperanda J. R. S., faz com que seja muito mais fácil “pagar cadeia”, e a ausência dessa presença faz com que ela fique muito mais pesada.

O apoio da família reduz a ansiedade dessas Recuperandas, as deixam menos preocupadas com aqueles que elas amam e que estão do lado de fora das grades. E o mais importante, faz com que se sintam amadas, possuidoras de algo maior que elas, onde podem depositar suas esperanças e obter o apoio que precisam para seguir em frente. A solidão é uma inimiga daquele que tenta abandonar o crime, e precisa ser combatida.

Podemos concluir também que o trabalho da APAC tem resultados realmente positivos nessa busca pela recuperação. Através dos trabalhos realizados pela Instituição voltados para o oitavo elemento, Família, como, por exemplo, a ajuda prestada pela assistente social, ao fazer a aproximação dessas Recuperandas com sua família (como destacado pela Recuperanda F. F. L.), permite não apenas manter a relação familiar que essas mulheres já possuíam, mas em muitos casos faz nascer um convívio harmonioso que não possuíam antes.

A partir do depoimento da segunda recuperanda, fica nítido que a APAC se empenha para garantir que o tempo de pena cumprido por essas mulheres atrás de suas grades, cumpra a devida função da pena, estabelecida pelo nosso Código Penal.

Conforme Rogério Greco, nosso Código Penal adota *ateoria mista*, ou *unificadora da pena*, que consiste na unificação da teoria absoluta e da teoria relativa. Por ela, podemos afirmar que a função da pena, para o ordenamento jurídico brasileiro, deve-se pautar pelos critérios da retribuição, isto é, retribuir ao preso o mal que ele produziu com suas condutas, e pelo critério da prevenção, que consiste na recuperação propriamente dita, ou seja, evitar que o sujeito venha a cometer futuros delitos (GRECO, 2017).

Atualmente, o sistema carcerário comum tem se valido apenas do critério da retribuição, tornando as prisões uma verdadeira forma de tortura, de modo a permitir com que a sociedade se sinta vingada, quanto aos atos daqueles que cumprem suas penas nesses estabelecimentos. Entretanto, em nada esses locais garantem o critério da prevenção, que numa avaliação de proteção social, é o critério que mais deveria ser zelado.

Por sua vez, a APAC mostra-se como uma eficaz forma de se garantir que a teoria unificadora da pena, adotada pelo Código Penal, consiga obter êxito em sua aplicação. É inegável existir nela o critério da retribuição, afinal de contas, o cerceamento da liberdade por si só já é uma pesada pena à qualquer ser humano, que nasce livre e muito valora essa liberdade. Por sua vez, o critério preventivo se faz visível em momentos como o exposto neste artigo. Como dito pela Recuperanda F. F. L., foi na APAC que ela conseguiu recriar seus laços familiares, onde ela voltou a se sentir novamente apoiada e amada por eles. Isso é algo que será levado por ela mesmo após o seu retorno para o convívio social, daqui a alguns anos. Esse é um pensamento recorrente em todas as Recuperandas entrevistadas, e se mostra verdadeiro, se tomarmos por base a taxa de reincidência de apenas 30% existente no sistema APAC, frente os 70% do sistema carcerário comum. Ainda não é o número ideal, mas se demonstra que o caminho está correto.

## **6 Estatísticas do abandono**

Demonstrado os efeitos que o abandono (ou o apoio) familiar geram nas Recuperandas, importante é demonstrar, numericamente, o quão grave é esse abandono.

Como anteriormente destacado neste trabalho, o trabalho de aproximação familiar é extramente difícil. Não se pode simplesmente obrigar um familiar a visitar, se aproximar de

uma Recuperanda. Nem seria saudável ou proveitoso, vez que uma relação de afeto, como é o caso, se não for feita por vontade própria, pode piorar ainda mais uma relação já abalada.

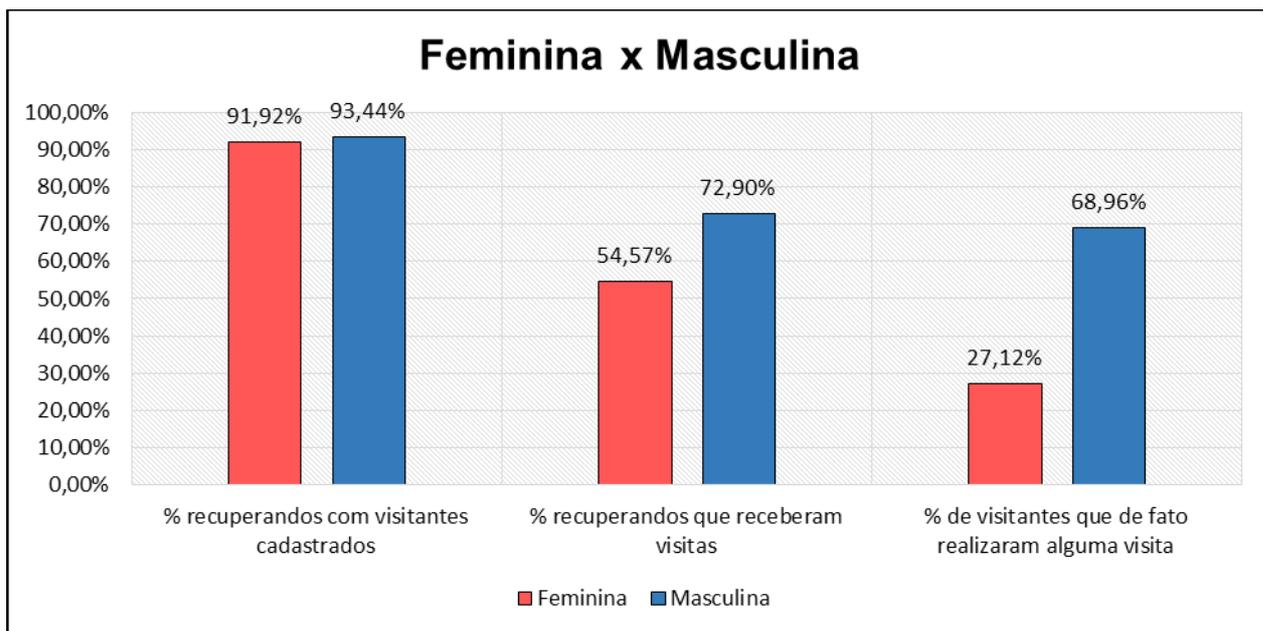
Faz-se importante ainda, destacar que essa situação de abandono não se atribui à condição de presas. Se assim o fosse, esse problema seria algo enfrentado também pela população carcerária masculina, e, na realidade, observa-se o oposto. Como salientado pelo ilustre doutor Drauzio Varella em seu livro *Prisioneiras*, os dias de visitação em unidades masculinas é permeado por enormes filas de pessoas, ansiosas para ver seu ente querido que se encontra preso. Em contrapartida, o abandono e a solidão assolam as unidades femininas nesses dias.

A fim de descobrir se essa realidade era diferente no sistema APAC, levantamos dados numéricos referentes às visitas recebidas pelos recuperandos da unidade masculina e as recuperandas da unidade feminina de São João del Rei/MG. Destaca-se que uma unidade fica a poucos metros da outra, então qualquer diferença aqui destacada não pode ser atribuída à localização da unidade. Os dados foram colhidos entre o dia 01 de janeiro de 2019, e o dia 19 de maio de 2019, e o resultado se deu da forma que se segue. Destacamos ainda, que os dados colhidos em cada dia específico de visitação se encontram ao fim desse artigo, na forma de anexo.

## GRÁFICO DE VISITAS NA APAC MASCULINA E NA APAC FEMININA

FONTE: Apac Feminina e Masculina de São João Del Rei – Minas Gerais

O gráfico acima é o resultado final de todas as informações que foram obtidas durante o período de coleta, sendo um retrato fiel e objetivo da situação das unidades da APAC supramencionadas.



As duas primeiras colunas representam a quantidade de recuperandos(as) que possuem visitantes cadastrados. Como se observa, esses números são bastante elevados, sendo que nos dois centros de recuperação, quase a totalidade dos internos possuem ao menos uma pessoa cadastrada para visita. Deve-se frisar, entretanto, que esse número é extremamente relevante no que diz respeito à análise da situação de abandono, como será demonstrado posteriormente.

O alto número de recuperandos(as) com visitantes cadastrados é algo esperado, uma vez que, ao menos no momento da prisão, é comum que ainda possuam algum familiar próximo que mantenha contato na fase inicial da reclusão. O problema, entretanto, se encontra no passar dos meses e anos, onde essas visitas se tornam cada vez mais raras, até o ponto em que, em muitos casos, a única coisa que sobra dessa relação é o registro, sem que ocorra mais qualquer visita.

As colunas centrais, por sua vez, revelam a existência do problema. O gráfico mostra que, mensalmente, apenas 54,57% das internas que possuem algum visitante cadastrado de fato recebem alguma visita, ou seja, quase a metade das recuperandas passam o dia de visita sozinhas. Esse número foi obtido através da média aritmética de quantas recuperandas foram visitadas em cada mês.

A unidade masculina, em contrapartida, teve um resultado bem mais otimista. A média mensal de recuperandos visitados é de 72,90%, ou seja, um número consideravelmente maior do que o de mulheres.

Por fim, as duas últimas colunas tiveram o resultado mais discrepante entre as unidades. Dos visitantes que possuem cadastro na unidade feminina, apenas 27,12% desses

realizaram alguma visita no período de quase cinco meses em que foram coletados esses dados, contra 68,96% da unidade masculina durante o mesmo lapso temporal. Isso demonstra a maneira como as mulheres encarceradas são abandonadas por seus familiares com o passar do tempo.

Como demonstrado nas primeiras colunas, tanto os homens quanto as mulheres quando vão presos costumam receber cadastros de familiares em proporções similares. O abandono, entretanto, atinge de maneira muito mais agressiva as mulheres durante o cumprimento de sua pena. Não apenas por receberem um número muito menor de visitas, mas pelo fato de que, aquelas pessoas que as visitavam no início do cumprimento de suas penas, tendem com o passar do tempo a deixar de visitá-las.

As últimas colunas mostram que quase  $\frac{3}{4}$  (três quartos) de todas as pessoas que um dia se cadastraram para visitar essas mulheres, atualmente não as acompanham mais. É um número assustador, ainda mais porquê, conforme os quadros em anexo nesse artigo, uma parte considerável das pessoas que abandonaram essas mulheres são parentes de primeiro grau, como pais, mães, filhos, filhas, pessoas que, em tese, deveriam ser a primeira fonte de apoio de alguém que busca sua recuperação social.

O número obtido da unidade masculina, isso é, 68,96%, por sua vez, apenas reforça que de fato estamos diante de um problema relacionado ao gênero, e não apenas causado pela condição de presas em que se encontram. É algo que precisa ser combatido constantemente, como a APAC já vem fazendo através de sua metodologia, porém, como os dados demonstram, ainda existe um longo caminho a percorrer.

## **7 Conclusão**

O presente trabalho demonstrou como o oitavo elemento da APAC (Família) é fundamental na recuperação da mulher que cumpre sua pena em um dos Centros de Recuperação Social (CRS) da Associação, e como a não adequada aplicação de um único elemento é extremamente prejudicial para a efetividade da metodologia. A partir disso, tornou-se clara a necessidade de se haver uma ação efetiva por parte da APAC para que as famílias possam acompanhar todo o processo de recuperação de forma que a mulher encarcerada sinta-se acolhida tanto na Instituição quanto na rua.

A pesquisa buscou atingir seus objetivos através da análise de informações obtidas em pesquisa de campo realizada no centro de recuperação social da APAC feminina de São João del Rei e por meio de pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo teve por objetivo obter dados empíricos da metodologia APAC, a fim de que fosse possível alcançar uma conclusão baseada não apenas em conhecimentos teóricos, mas também em conhecimentos práticos. Para tal, utilizamos o método de pesquisa participativa construindo o conteúdo a partir da participação direta das recuperandas da APAC feminina de São João Del Rei por meio de entrevistas. Também foram coletados dados estatísticos reais relativos à quantidade de visitas recebidas pelas recuperandas, e utilizando o método comparativo, buscou-se encontrar um padrão de visitação, bem como estabelecer a real situação das encarceradas. Por fim, a pesquisa bibliográfica nos permitiu que o objetivo final desse trabalho seja fundamentado também com a visão de diversos doutrinadores, podendo assim tornar ainda mais ricas as informações apresentadas.

As entrevistas demonstraram, através da visão das próprias recuperandas, quais os efeitos do abandono familiar na recuperação social da mulher encarcerada. O abandono é extremamente prejudicial para essas mulheres, que em muitos casos buscam em suas famílias o apoio que necessitam para mudar de vida. As opiniões convergentes, ainda que em se tratando de uma recuperanda em situação de abandono, e uma com apoio familiar, mostrou que essa é uma opinião comum entre as apenadas, ainda que em realidades diferentes no que diz respeito à relação familiar, o que corroborou ainda mais com a tese do artigo, de que de fato esse abandono possui efeitos extremamente danosos para essas mulheres e, por interferir na recuperação de condenadas, também para a sociedade como um todo.

Os dados coletados diretamente nas unidades da APAC masculina e feminina de São João del Rei, por sua vez, provaram a existência da situação de abandono familiar. Como demonstrado nos gráficos presentes nesse artigo, não apenas as mulheres recebem menos visitas, como as pessoas que se cadastram como visitantes tendem a deixar de visita-las com o passar do tempo, o que não acontece na mesma proporção na unidade masculina. Essa discrepância de realidade entre as duas unidades também demonstrou que esse abandono é de fato um problema relacionado ao gênero, uma vez que atinge de forma muito mais agressiva as mulheres do que os homens, não sendo certo dizer que o abandono está vinculado à situação de presas em que se encontram, mas sim ao fato de serem mulheres.

A APAC possui em sua metodologia um elemento específico para tentar enfrentar esse problema, qual seja o oitavo, família, o que contribui para que o abandono familiar da mulher seja menor em uma unidade APAC em relação ao sistema prisional comum. Entretanto, como

demonstrado no presente artigo, mesmo na Instituição esse problema é uma realidade, e novas formas de enfrentamento precisam ser pensadas para que o abandono diminua, e a recuperação da mulher encarcerada possa ser cada vez mais efetiva.

## REFERÊNCIAS

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Banco Nacional de Monitoramento de Prisões**. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/08/987409aa856db291197e81ed314499fb.pdf>. P. 22 e P. 25. Acesso em 21/03/2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **APAC tem reincidência quatro vezes menor que regime comum no RN**. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/noticias/judiciario/84633-apac-tem-reincidencia-quatro-vezes-menor-que-regime-comum-no-rn>. Acesso em: 21/03/2019.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Disponível em: [http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio\\_2016\\_22111.pdf](http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf). Acesso em: 21/03/2019.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias INFOPEN MULHERES**. Disponível em: [http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres\\_arte\\_07-03-18.pdf](http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres/infopenmulheres_arte_07-03-18.pdf). Acesso em: dia 21/03/2019.

ESTERMANN, Dagmar; KLEIN, Carim; FERNANDES, Letícia Prezzi. **Noções de Família em políticas de ‘inclusão social’ no Brasil contemporâneo**. Revista Feminina. Versão ampliada e modificada de comunicação oral apresentada no Seminário Internacional Fazendo Gênero, no Simpósio Temático Feminismos e maternidade: diálogos (im) pertinentes, em Florianópolis, Santa Catarina, de 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v20n2/v20n2a05.pdf>. Acesso em: 21/03/2019.

FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS. **A APAC: O QUE É?**. Disponível em: <http://www.fbac.org.br/index.php/pt/realidade-atual/o-que-e-apac>. Acesso em: 20/03/2019.

FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS. **MÉTODO APAC**. Disponível em: <http://www.fbac.org.br/index.php/pt/realidade-atual/metodo-apac>. Acesso em: 20/03/2019.

GRECO, Rogério. **Código Penal Comentado**. Rio de Janeiro: Impetus, 2017.

OTTOBONI, Mário. **Ninguém é irrecuperável**. APAC, a revolução do sistema penitenciário. São Paulo: Cidade Nova, 1997.

OTTOBONI, Mário. **Vamos Matar o Criminoso – Método APAC**. Belo Horizonte, 2018.

VARELLA, Drauzio. **Prisioneiras**. São Paulo: Schwarcz, 2017.

WORLD PRISON BRIEF. **Highest to Lowest - Prison Population Total**. Prison Studies. Disponível em: [http://www.prisonstudies.org/highest-to-lowest/prison-population-total?field\\_region\\_taxonomy\\_tid=All](http://www.prisonstudies.org/highest-to-lowest/prison-population-total?field_region_taxonomy_tid=All). Acesso em: 21/03/2019.

## ANEXO I – ENTREVISTAS

### I.I – ENTREVISTA 1

Iniciada a entrevista, a mesma se conduziu da seguinte maneira:

Legenda: (P) – Pergunta, (R) – Resposta:

**P:** Foi pedido para que ela contasse um pouco de sua história, para fins de contextualização:

**R:** (...) Eu engravidei com meus 14 anos, e fugi de casa, porque achei que lá em casa ninguém iria me dar apoio. (É perguntado se ela possuía mãe e pai, respondendo ela de forma positiva). Com 15 anos, ai eu voltei de novo e ganhei meu bebê, ai fiquei na casa dos meus pais até os 16 anos. Ai fui embora de novo. Deixei minha menina com minha mãe e fui, pra cidade, porque eles moravam na roça. (...) Eu comecei a me envolver com droga (nesse ponto, já faziam mais ou menos dois anos desde que ela havia ido morar na cidade, sendo que seus pais haviam se separado nesse interstício), eu comecei a usar maconha, depois eu fui pra cocaína, e o meu colega pegou e me ofereceu pra “mim” vender pra ele, ai eu fui e comecei a vender droga. (...) fui onde eu fui presa aos 20 anos, fiquei dois anos presa e fui embora de novo. Ai fui embora, não consegui serviço, ai me envolvi com outro pessoal de novo, e comecei a vender arma, onde eu ganhava mais dinheiro. Comecei a vender arma, ai, voltei de novo, e “tô” aqui.

**P:** E seus pais sabiam quando você começou a usar droga?

**R:** Não.

**P:** E quando você foi presa, eles assustaram? Como foi que aconteceu?

**R:**Muito, foi muito ruim. (**P:** Você morava com quem na cidade?) Eu morava sozinha, depois minha mãe foi e eu comecei a morar com minha mãe. Ai morava eu, minha mãe, meus dois irmãos e minha filha. Eles não sabiam. Desconfiavam, né, porquê onde é que eu arrumava dinheiro se não “tava” trabalhando? Desconfiavam. Mas foi isso. Da outra vez, a cadeia foi muito fácil (aqui ela se refere à primeira vez que foi presa, antes de ser presa pela segunda vez pelo tráfico de armas), porque eu tinha visita todo domingo, num domingo vinha meu pai, no outro domingo vinha minha irmã. Me acompanharam dois anos. Dessa vez (nesse ponto, ela se refere à sua cadeia atual, que ela cumpre após ter sido presa durante seu livramento condicional), eu tive visita do meu pai, duas visitas só. Não vi mais.

**P:** Você não tem contato?

**R:** Não, a não ser por carta. Assim, pessoalmente eu não tenho.

**P:** E sua mãe também não vem? Seus irmãos?

**R:** Não.

**P:** E você sente que isso te prejudica? Antes (quando ela recebia visitas) era mais fácil “pagar cadeia”?

**R:** Sim. Era bem mais fácil. Eu tinha visita, tinha notícias, tinha tudo o que eu queria. Agora não eu que tenho que correr atrás das coisas, pra não ficar faltando nada. Antes eu não ligava né, eu puxava cadeia rindo, agora não. Esse um ano e dez meses pra mim foi a pior cadeia. Essa “tá” pesada. A outra não, mas essa foi.

**P:** O simples fato de você ter perdido o apoio da sua família tornou a cadeia pesada?

**R:** Muito. Muito. Foi bem mais pesada que a outra.

**P:** E por que que você acha que seus pais pararam de te visitar?

**R:** Assim, eu acho, eu acho não, na verdade eu tenho certeza, porque quando eu sai, eles falaram que não queriam mais que eu ficasse nessa vida, que tava ruim, só que eu, não queria, CIDADE (ela cita o nome da sua cidade de origem, que aqui será ocultada para preservar sua identidade) é uma cidade muito pequena, não é fácil achar serviço.

**P:** E você tem notícias da sua filha?

**R:** Tenho. Eu recebo carta, a assistente social da APAC vai lá, eles ligam, direto a minha menina liga. (**P:** Então a assistente social da APAC vai lá ver ela?) Vai, vai. De vez enquanto ela vai lá ver ela. (**P:** Sua filha está com quantos anos?). Ela está com 10 anos.

**P:** E ela já veio te visitar depois desse período (segunda prisão)?

**R:** Não. Dessa vez não. Da outra vez ela vinha, de quinze em quinze dias, dessa vez ela ainda não veio.

**P:** E o pai dela? Você tem alguma notícia?

**R:** O pai dela agora entrou na justiça, querendo a guarda da menina. Porque até hoje, em dez anos, não quis nem saber nem dela nem de mim, agora que a menina “tá” grande, “tá” criada, ele quer. (...) Nunca registrou a menina, nunca deu assistência nenhuma, agora quer. (...) Imagina ele pegar a menina e levar pra outra cidade. Ele vai levar ela embora, e pronto. E aí, como é que eu vou ver (ela)?

**P:** Sente falta da sua filha?

**R:**Muita, muita. Era todo dia que “nóis” tava “junto”. Era todo dia.

**P:** Pra terminar, você poderia dizer pra gente por quê que é importante a presença da família na recuperação? O que que era diferente quando você tinha o apoio deles? O que que mudou? Por que que ficou mais difícil?

**R:** O apoio que eu tinha era porque “nóis” era muito “unido”, porque eu com meu pai eu tinha muita raiva dele, porquê eu cresci vendo ele bater na minha mãe. Então quando eu vim preso, a gente não conversava. Ele que veio, ele que veio acompanhar minha cadeia. Agora ele tem outra família e eu sinto ciúmes. Ele tem uma bebêzinha agora, e não liga pra mim. Vem cá, fez o cadastro, disse que ia vir me ver e veio duas vezes só e não voltou mais, por causa da outra família dele. A cadeia fica mais pesada. (...) Eu quero mostrar pra eles (a família como um todo) que sou uma pessoa diferente. Eu não tenho a mesma mentalidade que eu tinha da outra vez, eu não tenho. Eu não quero mais.

## I.II – ENTREVISTA II

Iniciada a entrevista, a mesma se conduziu da seguinte maneira:

Legenda: (P) – Pergunta, (R) – Resposta:

**P:** Foi pedido para que ela contasse um pouco de sua história, para fins de contextualização:

**R:** Fui abusada por ele (seu padrastro) quando eu tinha oito meses. Hoje em dia eu converso com ele, porque eu era uma criança né, eu não sabia o que quetava acontecendo, foi minha tia que viu tudo, então através disso eu perdoo ele. A gente tem que perdoar o nosso próximo né? Eu perdoo ele, mas eu sinto tipo assim, um pouco de raiva dele. Mas isso já passou. Mas na infância foi muito difícil, porque até hoje ele tá com a minha mãe, e não tem como minha mãe largar dele, né? Esse tempo tudo que eu “tô”, trinta e três anos que eu “tò”, ele tá com a minha mãe até hoje, então assim, ele que acabou de me criar, então acabou sendo um pai pra mim. (...) Fui crescendo, e com treze anos eu engravidei, tive o meu primeiro filho. (...) Com

quatorze eu arrumei a menina, e com dezessete eu arrumei um menino. Ai eu perdi o meu mais velho, num acidente de bicicleta. Ai depois disso eu entrei na vida do crack. Isso me prejudicou muito, porque a família foi afastando, a família se afastou, porque eu tava na vida errada. (...) Minha mãe falava “filha vem pra cá”, e ficava noites e noites sem dormir, preocupada comigo. (...) Todo barulho que ela ouvia ela ficava preocupada de ser alguém fazendo coisa errada comigo, porque o lugar em que eu moro é um lugar muito perigoso. (...) Minha mãe falou comigo assim, minha filha, vem almoçar, e eu falei assim, mãe, eu não quero comida porque eu estou lúcida de droga, que eu tinha virado a noite com uma rapaz e até que no momento aconteceu o que aconteceu. Eu fiz um homicídio, que, eu nem sei como explicar, eu tava sob o efeito da droga. Porquê a droga me fez eu fazer isso. Porque eu tava lúcida, querendo mais, querendo fumar mais. (...) Passou um tempo eles me “prenderam”. (...) Eu tava na porta do NOME DO LUGAR, a polícia passou, mandou eu entrar no carro, eu fui e entrei, sem pressão nem nada. (...) Nisso, na delegacia, eu nem sabia que tava sendo presa. O delegado foi e falou, pode ir com ela pra APAC. Falei, meu Deus, cheguei no fim do mundo. Agora eu vou entrar “prender” lugar, eles vão me bater. Porque assim, eu achei que a prisão era um presídio que eles iam me levar, eu nunca passei por um presídio, a APAC me acolheu de braços abertos. (...) A APAC me mostrou o caminho. Se hoje eu sou a pessoa que eu sou, eu agradeço á APAC.

**P:** Quando você veio pra cá, a sua família eles vinham mais, ou você sente que hoje em dia a sua relação com eles é mais forte?

**R:** “Tá” sendo pouco ultimamente porque minha mãe está muito doente, fazendo hemodiálise, mas ainda recebo. (...) O que eu preciso, eles me mandam. As vezes ela (mãe), com a idade que ela tem, ela vêm me ver. (...) O que me dá suporte pra aguentar essa batalha é eles, minha família. Porque tudo quanto é evento que tem aqui a minha família participa.

**P:** E você acha que a APAC te ajudou nisso?

**R:** Ajudou muito. Antes eu não tinha contato com meus filhos, contato com família, morava debaixo da ponte, os outros faziam sacanagem, me batiam, e minha mãe ficava vários dias sem dormir pensando “minha filha “tá” apanhando”. O dia que ela chegou na UPA e eu tava lá com a cabeça aberta, ela entrou em desespero. Ela falou “minha filha, eu achei que você tava morta. Eu fiquei sabendo que os “menino” te “bateu”.

**P:** E seu padrasto, ele não vem não? Ele não tem cadastro aqui não?

**R:** Não, ele não vem não. Ele não tem cadastro porque eu não quis que ele viesse. (...) Ele me discriminou, ele me julgou muito (na época em que ela usava drogas). Ela é uma pessoa que me julgou mais do que a minha mãe.

**P:** Como você acha que seria a sua recuperação, a sua situação hoje, se você não tivesse apoio da sua família?

**R:** Eu acho que eu não iria aguentar, ficar sem saber como está minha família. Mas como eu tenho contato deles direto, eu fico mais tranquila. Porque a ansiedade me machuca muito. Eu tenho muita ansiedade. (...) É muito ruim você ficar num lugar, sabendo que você tem sua família, querendo comer um prato de comida, e não ter como ir lá buscar um prato de comida porque as drogas não deixam. Eu era assim, ficava na rua pedindo os outros na rua mas não ia na casa da minha mãe buscar comida. (...) Toda vez que ela me via subindo o morro minha mãe chorava. (...) Eu morava debaixo da ponte, sozinha, no ponto de alguém chegar, jogar um álcool, um fogo, e eu morrer. Minha vida era isso. (...) Uma vez minha mãe me pegou na pracinha, dormindo. Eu dormindo assim, ela virou e disse “minha filha, acorda, “vamo” “bora” pra casa”, a lágrima dela desceu. Eu falei, pronto, cortou meu coração. (...) Minha mãe sempre foi muito presente, eu que não quis (estar próxima dela). A minha mãe agradece muito à APAC, porque ela fala que a APAC me mudou. Se eu sou o que eu sou hoje eu agradeço à APAC. (...) Lá no presídio a minha família não iria, talvez eu tivesse até morta. (...) Eles (APAC) sempre colocam a família perto da gente.

## ANEXO II – VISITAS DA FEMININA

<b>01/01/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	1	0	14	2
Pai	0	0	3	2
Companheiro/a	4	4	9	2
Filhos	7	0	32	6
Outros	7	0	88	6
	<b>19</b>	<b>4</b>	<b>146</b>	<b>18</b>

<b>06/01/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	7	0	15	4
Pai	2	0	4	1
Companheiro/a	5	4	9	4
Filhos	22	6	33	9
Outros	44	3	92	14
	<b>80</b>	<b>13</b>	<b>153</b>	<b>32</b>

<b>13/01/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	0	15	4
Pai	2	0	4	2
Companheiro/a	5	4	9	3
Filhos	22	1	22	6
Outros	45	1	89	6
	<b>82</b>	<b>6</b>	<b>149</b>	<b>21</b>

<b>20/01/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	2	15	4
Pai	2	1	5	1
Companheiro/a	4	4	9	2
Filhos	21	1	31	9
Outros	45	5	89	8
	<b>80</b>	<b>13</b>	<b>149</b>	<b>24</b>

<b>27/01/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	0	15	6
Pai	2	0	5	2
Companheiro/a	5	3	10	4
Filhos	21	3	32	12
Outros	45	3	89	11
	<b>81</b>	<b>9</b>	<b>151</b>	<b>35</b>

<b>03/02/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	9	1	13	2
Pai	3	1	4	0
Companheiro/a	6	2	8	6
Filhos	22	4	35	7
Outros	44	4	85	10
	<b>84</b>	<b>12</b>	<b>145</b>	<b>25</b>

<b>10/02/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	10	1	12	5
Pai	4	1	2	0
Companheiro/a	5	4	9	5
Filhos	22	2	33	11
Outros	44	5	48	11
	<b>85</b>	<b>13</b>	<b>104</b>	<b>32</b>

<b>17/02/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	2	12	5
Pai	4	0	2	1
Companheiro/a	5	4	11	6
Filhos	21	3	33	10
Outros	39	5	50	12
	<b>77</b>	<b>14</b>	<b>108</b>	<b>34</b>

<b>24/02/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	5	11	4
Pai	4	2	4	2
Companheiro/a	6	4	12	8
Filhos	19	6	30	9
Outros	32	8	53	15
	<b>69</b>	<b>25</b>	<b>110</b>	<b>38</b>

<b>03/03/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	5	1	14	5
Pai	5	2	3	0
Companheiro/a	6	2	8	3
Filhos	23	4	33	8
Outros	44	3	50	15
	<b>83</b>	<b>12</b>	<b>108</b>	<b>31</b>

<b>10/03/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	5	3	16	3
Pai	4	2	4	2
Companheiro/a	8	5	10	6
Filhos	20	6	33	5
Outros	48	5	50	13
	<b>85</b>	<b>21</b>	<b>113</b>	<b>29</b>

<b>17/03/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	6	2	14	6
Pai	5	0	5	2
Companheiro/a	12	3	8	3
Filhos	19	6	30	6
Outros	48	8	45	16
	<b>90</b>	<b>19</b>	<b>102</b>	<b>33</b>

<b>24/03/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	6	1	12	5
Pai	4	2	4	2
Companheiro/a	10	3	10	6
Filhos	21	8	30	4
Outros	52	13	51	16
	<b>93</b>	<b>27</b>	<b>107</b>	<b>33</b>

<b>31/03/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	5	1	10	3
Pai	3	0	3	1
Companheiro/a	8	3	14	8
Filhos	22	8	32	5
Outros	50	12	49	10
	<b>88</b>	<b>24</b>	<b>108</b>	<b>27</b>

<b>07/04/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	7	4	13	4
Pai	4	2	6	2
Companheiro/a	6	4	15	8
Filhos	21	9	18	9
Outros	42	3	45	12
	<b>80</b>	<b>22</b>	<b>97</b>	<b>35</b>

<b>14/04/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	6	2	13	6
Pai	3	1	6	0
Companheiro/a	6	2	15	3
Filhos	19	5	18	5
Outros	38	10	45	12
	<b>72</b>	<b>20</b>	<b>97</b>	<b>26</b>

<b>21/04/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	6	3	12	3
Pai	3	0	4	1
Companheiro/a	6	5	12	5
Filhos	19	8	21	8
Outros	38	12	42	6
	<b>72</b>	<b>28</b>	<b>91</b>	<b>23</b>

<b>28/04/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	6	3	15	6
Pai	5	1	6	2
Companheiro/a	8	6	14	7
Filhos	22	10	23	12
Outros	40	15	42	13
	<b>81</b>	<b>35</b>	<b>100</b>	<b>40</b>

<b>05/05/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	6	2	12	3
Pai	5	3	6	2
Companheiro/a	8	2	15	9
Filhos	22	9	25	9
Outros	40	12	48	19
	<b>81</b>	<b>28</b>	<b>106</b>	<b>42</b>

<b>12/05/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	2	12	5
Pai	4	2	2	1
Companheiro/a	5	4	10	5
Filhos	21	3	33	10
Outros	39	5	50	12
	<b>77</b>	<b>16</b>	<b>107</b>	<b>33</b>

<b>19/05/2019</b>	<b>SEMI ABERTO</b>		<b>FECHADO</b>	
<b>Quantitativo</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>	<b>CADASTRADOS</b>	<b>COMPARECERAM</b>
Mãe	8	5	11	4
Pai	4	2	4	2
Companheiro/a	6	4	14	9
Filhos	19	6	30	9
Outros	33	8	53	15
	<b>70</b>	<b>25</b>	<b>112</b>	<b>39</b>

CONTROLE DE VISITAS FEMININA - 2019				
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de janeiro</b>
28	26	14	597	95
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de janeiro</b>
15	14	7	261	36
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de fevereiro</b>
24	24	13	467	129
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de fevereiro</b>
18	16	7	315	64
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de março</b>
25	23	13	538	153
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de março</b>
18	17	10	439	103
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de ABRIL</b>
25	22	13	385	124
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de ABRIL</b>
20	17	9	305	105
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de Maio</b>
20	18	12	325	114
Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de recuperandas	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de Maio</b>
19	18	9	228	114

### ANEXO III – VISITAS DA MASCULINA

**CONTROLE DE VISITAS - MASCULINA 2019**

Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de janeiro</b>
68	61	51	333	300
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de janeiro</b>
105	99	85	465	324
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de fevereiro</b>
86	81	78	378	350
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de fevereiro</b>
112	107	99	463	397
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de março</b>
83	77	51	512	408
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de março</b>
102	97	54	457	447
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de ABRIL</b>
81	77	52	432	419
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de ABRIL</b>
103	92	59	418	279
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>REGIME FECHADO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de Maio</b>
80	76	48	368	104
81	79	57	374	126
Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de recuperandos	Nº de visitantes	Nº de visitas no
<b>SEMI ABERTO</b>	com visitantes cadastrados	que receberam visitas	cadastrados	<b>mês de Maio</b>
104	93	51	426	74

**ANEXO IV – GRÁFICOS**

